



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
NÚCLEO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO



CIBELE DE CARVALHO DE OLIVEIRA

**CATÁLOGO DE UNIDADES DE INFORMAÇÃO: MUSEUS E GALERIAS DE ARTE
DE SERGIPE**

SÃO CRISTOVÃO (SE)

2013

CIBELE DE CARVALHO DE OLIVEIRA

**CATÁLOGO DE UNIDADES DE INFORMAÇÃO: MUSEUS E GALERIAS DE ARTE
DE SERGIPE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Núcleo de Ciência da Informação da Universidade
Federal de Sergipe, para obtenção do grau de
bacharel em Biblioteconomia e Documentação.

Orientador: Profa. Ma. Glêyse Santos Santana

SÃO CRISTOVÃO (SE)

2013

CIBELE DE CARVALHO DE OLIVEIRA

**CATÁLOGO DE UNIDADES DE INFORMAÇÃO: MUSEUS E GALERIAS DE ARTE
DE SERGIPE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Núcleo de Ciência da Informação da Universidade
Federal de Sergipe, para obtenção do grau de
bacharel em Biblioteconomia e Documentação.

Nota: _____

Data de Apresentação: 19.4.2013

BANCA EXAMINADORA

Profª. Ma. Glêyse Santos Santana – Orientadora
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof. Me. Givaldo Barbosa da Silva – (IFES)

Prof. Dr. Fabiano Ferreira de Castro – Membro Interno
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

*A meu pai (in memoriam) meu primeiro referencial
de amor e bondade.*

Aos meus professores do Ensino Médio.

Aos amigos que me ajudaram na construção da ida.

*À minha orientadora, Profa. Glêyse Santana, que
tem o dom de fazer tudo parecer menos terrível.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, antes de tudo, por ter me permitido o dom da vida, por ter me presenteado com dois grandes tesouros invisíveis para muitos, um bom coração e uma alma corajosa. Se sou quem sou e aqui estou hoje, foi por sua majestosa generosidade.

Não tenho palavras para agradecer o apoio incondicional dos meus sogros, que são como verdadeiros pais para mim. Sem o apoio e a compreensão deles, o caminho teria sido bem mais árduo.

Agradeço imensamente a Leonardo Almeida e Claudionor Melo, que me acompanharam e me auxiliaram na difícil tarefa da coleta de dados pelo Estado. A companhia de vocês tornou tudo menos cansativo e mais divertido.

Todos os agradecimentos são poucos para Lucas Almeida. És o melhor companheiro do mundo. Meu parceiro, meu melhor amigo, meu amor. Um tesouro que recebi. Maior demonstração da benevolência e ação de Deus em minha vida.

Um agradecimento especial a minha orientadora, Profa. Glêyse Santos Santana, que em momentos nos quais me desesperei não me deixou desistir, sempre sábia, forte e destemida, acreditou que seria possível e que eu era capaz.

Aos mestres e doutores, agradeço por toda dedicação em tornar o curso de Biblioteconomia e Documentação, da Universidade Federal de Sergipe, cada dia um pouco melhor que o anterior. Também por dividir conosco experiências profissionais e, por vezes, pessoais, contribuindo para o nosso crescimento e aperfeiçoamento enquanto seres humanos.

*“O amor à arte, não é um amor à primeira vista, mas necessita de um
processo de familiaridade”
(Pierre Boudieu)*

RESUMO

Obra de referência que tem como objetivo apresentar os Museus e Galerias de Arte no Estado de Sergipe, a atuação do profissional da informação nessas instituições e como a comunidade se relaciona com essas unidades informacionais. Após as instituições serem identificadas e descritas, destacou-se a sua importância enquanto instrumentos de preservação da memória sergipana. Também foi analisada a forma pela qual as informações estão sendo veiculadas nessas unidades. Pesquisa de caráter exploratório-descritivo. Quanto à forma de abordagem caracteriza-se como quantitativa e qualitativa. Qualitativa porque explorou aspectos subjetivos dos usuários ou possíveis usuários das unidades de informação, junto a um levantamento bibliográfico das questões teórico/conceituais sobre museus e galerias de arte. A aplicação de trezentos questionários em dois grupos de 150 indivíduos – universitários e não universitários - serviu como base para a análise da interação população-unidades de informação, caracterizando-a também como quantitativa. Apesar da existência de profissionais da área de museologia recém formados no mercado de trabalho sergipano, esses, e outros profissionais ligados à ciência da informação não atuam nas instituições presentes no estado sergipano. A partir desse quadro demonstrou-se aqui, ser imprescindível a presença desses profissionais para melhor tratamento e disseminação da carga informacional entre os membros da sociedade de forma democrática, sem distinção de raça, credo ou classe social, tornando-a de fato a sociedade da informação.

Palavras-chave: Museus. Galerias. Unidades de Informação. Memória. Preservação.

ABSTRACT

Reference work that aims to present the Museums and Art Galleries in the State of Sergipe, the role of the information professional in these institutions and the community as it relates to these informational units. After the institutions are identified and described, stood their importance as instruments of preserving the memory of Sergipe. We also analyzed the way in which the information is being made in these units. Search exploratory and descriptive. How to approach characterized as qualitative and quantitative. Qualitative explored because subjective aspects of the users or potential users of the information units, along with a bibliography of the theoretical / conceptual about museums and art galleries. The application of three hundred questionnaires to two groups of 150 individuals - students and non-students - was the basis for the analysis of population-interaction information units, characterizing it as well as quantitative. Despite the existence of professionals museology graduates in the labor market Sergipe, these, and other professionals involved in information science does not work in institutions in the state of Sergipe. Within this framework it has been shown here to be essential the presence of these professionals to better treatment and dissemination of informational load among the members of a democratic society, without distinction of race, creed or social class, making it indeed Society information.

Keywords: Museums. Galleries. Information Units. Memory. Preservation.

LISTA DE FOTOS

Foto 1	Museu de Anatomia Humana “Dr. Osvaldo da Cruz Leite”.....	16
Foto 2	Espaço Cultural Yázigi.....	18
Foto 3	Museu de Rua Ponte do Imperador.....	20
Foto 4	Palácio Museu Olímpio Campos.....	22
Foto 5	Museu Raymundo Fernandes da Fonseca.....	24
Foto 6	Museu do Homem Sergipano.....	26
Foto 7	Museu Galdino Bicho.....	28
Foto 8	Museu Médico de Sergipe “Dr. Augusto Leite”.....	30
Foto 9	Museu Histórico de Sergipe.....	32
Foto 10	Museu dos Ex-votos.....	34
Foto 11	Museu de Arte Sacra de Laranjeiras.....	36
Foto 12	Museu da Gente Sergipana.....	38
Foto 13	Museu Histórico e Artístico de Itabaiana “Antônio Nogueira”.....	40
Foto 14	Museu de Arqueologia de Xingó.....	42
Foto 15	Galeria de Arte “Zé de Dome”.....	44
Foto 16	Espaço cultural D'Época.....	46
Foto 17	Museu de Rua Memorial da Bandeira.....	48
Foto 18	Museu do Cangaço.....	50
Foto 19	Galeria de Arte J. Inácio.....	52
Foto 20	Museu de Arte Sacra de São Cristóvão.....	54
Foto 21	Museu Afro-brasileiro de Sergipe.....	56
Foto 22	Galeria de Arte Álvaro Santos.....	58
Foto 23	Galeria de Arte Jenner Augusto.....	60

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Alunos da UFS que tem conhecimento sobre o que são Museus e Galerias de Arte.....	71
Gráfico 2	Grupo de não universitários que tem conhecimento sobre o que são Museus e Galerias de Arte.....	71
Gráfico 3	Alunos da UFS que conhecem algum Museu ou Galeria de Arte no Estado de Sergipe.....	73
Gráfico 4	Grupo de não universitários que conhecem algum Museu ou Galeria de Arte no Estado de Sergipe.....	73
Gráfico 5	Estudantes que conhecem a localização de algum Museu ou Galeria de Arte do Estado de Sergipe.....	74
Gráfico 6	Grupo de não universitários que conhecem a localização de algum Museu ou Galeria de Arte do Estado de Sergipe.....	74
Gráfico 7	Alunos da UFS que já estiveram em um Museu ou Galeria de Arte em Sergipe.....	75
Gráfico 8	Grupo de não universitários que já estiveram em um Museu ou Galeria de Arte em Sergipe.....	75
Gráfico 9	A importância da existência de Museus e galerias de arte no Estado, segundo os universitários.....	79
Gráfico 10	A importância da existência de Museus e galerias de arte no Estado, segundo os grupos de não universitários.....	79
Gráfico 11	Principais motivos apontados pelos estudantes sobre o porquê da importância de existirem Museus e Galerias de Arte no Estado de Sergipe.....	79
Gráfico 12	Principais motivos apontados pelos grupos de não universitários sobre o porquê da importância de existirem Museus e Galerias de Arte no Estado de Sergipe.....	80

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Informações sobre museus e galerias que conhece – não universitários..	73
Quadro 2	Informações sobre museus e galerias que conhece - universitários.....	73
Quadro 3	Informações sobre visita a museus e galerias – não universitários.....	76
Quadro 4	Informações sobre visita a museus e galerias – universitários.....	76
Quadro 5	Informações sobre motivo da visita a museus e galerias – não universitários.....	77
Quadro 6	Informações sobre motivo da visita a museus e galerias - universitários.....	78

LISTA DE SIGLAS

CHESF	Companhia Hidrelétrica do São Francisco
CONSU	Conselho Universitário
ECYI	Espaço Cultural Yázigi
FUNCAJU	Fundação Municipal de Cultura e Turismo de Aracaju
GAAS	Galeria de Arte Álvaro Santos
IBRAN	Instituto Brasileiro de Museus
ICOM	Conselho International de Museus
IHGSE	Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
MAX	Museu de Arqueologia de Xingó
MUHSE	Museu do Homem Sergipano
OSCIPI	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
SBEC	Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço
SEMEAR	Sociedade de Estudos Múltiplos, Ecológica e de Artes
SOMESE	Sociedade Médica de Sergipe
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UNIT	Universidade Tiradentes

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	CATÁLOGO DOS MUSEUS E GALERIAS DE ARTE: UNIDADES DE INFORMAÇÃO.....	15
3	MUSEUS E GALERIAS DE ARTE: UNIDADES DE INFORMAÇÃO.....	62
3.1	Museus, informação e memória: breves notas.....	62
3.2	A Instituição museal no tempo.....	64
3.3	Características institucionais e noção de documento museológico.....	65
3.4	Os museus e a preservação da memória.....	67
3.5	Novas formas de pensar o museu.....	68
3.6	Galerias de arte.....	70
3.7	Os museus e galerias de arte no estado de Sergipe.....	70
4	UNIDADES DE INFORMAÇÃO E USUÁRIOS: ANÁLISE DE DADOS.....	72
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
	REFERÊNCIAS.....	87
	APÊNDICE A	

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho se configura na elaboração de uma obra de referência, no caso um catálogo acerca de unidades informacionais sergipanas. As obras de referência destacam-se por permitir o acesso às informações fundamentais sobre variados temas e aplicam-se a diversas áreas do conhecimento. Assim, distinguem-se por permitir o acesso à informação e sua forma de produção. Dessa forma, foi elaborado um catálogo de duas tipologias de unidades de informação, a saber: os museus e galerias de arte de Sergipe. É preciso destacar que nessa pesquisa, promoveu-se um recorte, excluindo os memoriais, em virtude do tempo para elaboração e apresentação dessa pesquisa.

Os Museus e Galerias de Arte caracterizam-se dentre outras atividades por serem guardiães da atividade humana ligada às manifestações estéticas, à preservação e/ou estudo da memória coletiva, informação e comunicação. Nesse sentido, são eles os responsáveis por manterem atualizados a produção e difusão de aspectos culturais e informacionais sobre um município, estado ou Nação.

Dessa forma, investigou-se como se encontram estruturados os Museus e Galerias de Arte do estado de Sergipe, os agentes que atuam nas referidas instituições, e como se estabelece a interação da população com essas unidades informacionais. Tais instituições foram identificadas e descritas, sendo posteriormente destacada a sua importância enquanto instrumentos de preservação da memória.

Como aspecto norteador desse estudo buscou-se compreender de que forma estão estruturados os museus e galerias de arte em Sergipe e como a população sergipana interage com essas unidades de informação. De forma específica, buscou-se: identificar e descrever os Museus e Galerias de Arte do Estado de Sergipe; destacar a importância das unidades de informação (Museus e Galerias de Arte), enquanto instrumentos de preservação da memória e analisar as amostras representativas acerca do conhecimento de usuários e prováveis usuários sobre de galerias de arte e museus de Sergipe.

A priori entende-se que os museus e galerias de arte de Sergipe funcionam apenas como locais de armazenamento de objetos de valor histórico cultural, sem dispor de um corpo profissional específico capaz de desenvolver um conjunto documental claro e objetivo que facilite o acesso à informação das obras em exposição, bem como, uma obra de referência que aglutine informações gerais sobre esses museus e galerias de arte de Sergipe.

Quanto aos métodos aplicados, esta pesquisa foi de caráter exploratório-descritivo. Quanto à forma de abordagem caracteriza-se como quantitativa e qualitativa. Quantitativa pois apresenta em números, opiniões e informações diretamente ligadas ao tema proposto a partir da aplicação de 300 questionários estruturados, possibilitando a uniformização das respostas dos entrevistados. A amostra representativa foi expressa a partir de dois grupos selecionados, a saber: grupo universitário e não universitário. É também qualitativa porque explorou aspectos subjetivos dos usuários ou possíveis usuários das unidades de informação, junto a um levantamento bibliográfico das questões teórico/conceituais sobre museus e galerias de arte.

Para concluir tal intento, a princípio, foi realizado um levantamento bibliográfico acerca de estudos que envolvem Museus e Galerias de Arte enquanto unidades de informação e preservação da memória coletiva. Posteriormente, procedeu-se um levantamento dessas unidades de informação no estado de Sergipe, visando identificar e descrever aspectos importantes acerca dos museus e galerias de arte de Sergipe, tais como localização, informações para contato, horários e dias de funcionamento e um breve histórico sobre as referidas unidades de informação. Posteriormente, foram aplicados questionários na cidade de Aracaju e em cidades interioranas do estado buscando entrever o grau de conhecimento e difusão dessas unidades junto à população sergipana.

Estruturalmente, este trabalho está dividido em cinco seções, a saber: *Introdução*, onde foram elencados o objeto de estudo, o problema de pesquisa, os objetivos gerais e específicos, os procedimentos metodológicos que nortearam a pesquisa e a estrutura geral do trabalho. Na segunda, intitulada *Catálogo dos Museus e Galerias de Arte de Sergipe*, foram elencados os museus e galerias de arte sergipanas acompanhados das devidas informações gerais e um breve histórico institucional. Sequencialmente, na terceira seção, intitulada *Museus e Galerias de Arte: unidades de informação*, abordou-se aspectos conceituais e teóricos acerca dos museus e galerias de arte enquanto unidades de informação e enquanto instituições de preservação e difusão da memória social. Na quarta seção, intitulada *Unidades de Informação e usuários: análise de questionários* foram tabulados e identificados os dados referentes aos questionários aplicados e apresentados os resultados. Na quinta seção, denominada *Considerações Finais*, discorrer-se-á sobre as dificuldades de pesquisa e apresentaremos sugestões para um melhor funcionamento das unidades de informação, em específico os museus e galerias de arte sergipanas.

2 CATÁLOGO DOS MUSEUS E GALERIAS DE ARTE: UNIDADES DE INFORMAÇÃO

3 MUSEUS E GALERIAS DE ARTE: UNIDADES DE INFORMAÇÃO

3.1 Museus, informação e memória: breves notas

A informação e a preocupação com a preservação dos registros humanos, não são temas contemporâneos. Desde a Antiguidade já se discutia acerca do conhecimento, aspecto que estava diretamente ligado à produção, disseminação e registro da informação, mesmo que restrita a localidades ou regiões. Para Aristóteles o homem tinha necessidade de informar-se, pois necessitava conhecer. O filósofo via essa necessidade como derivada do desejo de saber, inerente ao homem.

Como nos mostra Suano (1986) na antiga Grécia, acreditava-se que as musas, filhas de Zeus com a deusa da memória Mnemosine, ajudavam os homens a esquecer da tristeza e a ansiedade com seus rituais de dança e música. Contudo, o templo das musas, o *mouseion*, não era apenas um templo de adoração, mas também uma instituição voltada para as artes e a ciência. Nele eram expostas obras de artes, não para contemplação humana, mas para agradecer os deuses. Dessa forma, pode-se deduzir que os museus e galerias de arte, se constituíram no tempo enquanto unidades informacionais dedicadas à preservação do trabalho humano. Nesse contexto, os museus e galerias de arte, são locais de guarda da informação ao tempo em que possuem função social junto à população enquanto unidades específicas de conhecimento, memória e identidade de um povo.

Para que o indivíduo adquira, de fato, cidadania, se faz necessário que o mesmo participe de decisões políticas que envolvam escolhas coletivas, e se ele estiver bem informado há maior possibilidade das decisões serem mais certas. Para isso ele precisa ter acesso a fontes confiáveis de informação. Por ser uma fonte de poder, a informação está sempre correndo risco de ser manipulada, mas a sociedade pode manter o controle das fontes e do grande estoque informacional, primando pela qualidade das informações disseminadas (CAVAGNARI FILHO, 1993 apud BARROS 2003, p. 25).

Na sociedade contemporânea vive-se um momento de grande produção e circulação de informações, fundamentais para o desenvolvimento tanto pessoal quanto coletivo dos indivíduos, gerando em quem a possui, a habilidade para tomada de decisões. Le Coadic (2004, p. 5) ao nos apresentar o objeto da ciência da informação, ou seja, a informação descreve-a como “um conhecimento escrito (gravado) sob a forma escrita (impressa ou numérica) oral ou audiovisual”.

Contudo, todo registro gravado, todo resquício material humano, é também, um fragmento da memória coletiva de um determinado grupo social. Dessa forma, as unidades de informação se constituem centros de memória coletiva. Tais unidades possuem profunda importância quando colocam à disposição da sociedade acervos que possibilitam conhecer e pesquisar sistematicamente o passado, suas consequências para o presente e suas diferenças em comparação com a atualidade. Muitos projetos de pesquisa acadêmicos procuram, nesses lugares, fontes para compreender a realidade. Igualmente os escolares, desde os primeiros anos da vida estudantil, devem saber que dispõem de estruturas que lhes deem acesso à informação sistematizada sobre experiências que nos precederam.

Não faz muito tempo, museus e galerias eram vistos como instituições aristocráticas, distantes do povo, reservados aos “iniciados”. Aos poucos, isso começa a mudar, os museus e galerias de arte buscam se fortalecer como espaços mais próximos da população, lastreados pela ideia que não precisam apenas existir para serem públicos, precisam também interagir; não só abrir portas, mas também abrir caminhos para o conhecimento. É importante, contudo, que se organize adequadamente os acervos para facilitar o acesso à informação, agilizar a pesquisa do usuário e dinamizar mostras e exposições de interesse à população em geral (CAVALHEIRO; SILVA, 2012).

Assim, essas unidades de informação têm como missão comum a recuperação da informação registrada em seus documentos. Dessa forma, museus têm, assim, como os arquivos, responsabilidade no processo de recuperação da informação, voltado para divulgação científica, tecnológica, cultural e social, bem como do testemunho jurídico e histórico (BELLOTTO, 2004).

Dessa forma, entende-se por Unidades de Informação instituições como Bibliotecas, Arquivos, Museus e Centros de Documentação:

[...] organizações sociais públicas ou privadas, que não possuam fins lucrativos e tenham como principais funções a aquisição, processamento, armazenamento e disseminação de informações entre os membros da sociedade, prestando serviços de forma tangível, referindo-se aos produtos impressos, e intangíveis, que são serviços mais personalizados, de acordo com a necessidade informacional de cada usuário (TARAPANOFF; ARAUJO JR.; CORMIER, 2000, p. 92).

Assim, as Unidades informacionais têm por dever propiciar o acesso à informação em seus mais variados suportes a todos os tipos de usuários.

3.2 A Instituição museal no tempo

Para o *International Council of Museums* (ICOM)¹, museu é:

[...] uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade.

Já no viés da ciência da informação, para Yassuda (2009, p. 15) o museu é “(...) unidade de informação que trabalha com a organização, o tratamento, o armazenamento, a recuperação e a disseminação da informação produzida a partir de suas coleções”. Longe ser um fenômeno recente os achados arqueológicos e pesquisas históricas demonstram que o hábito do colecionismo é tão antigo quanto à humanidade. Desde os primórdios do estabelecimento da civilização que o homem coleciona objetos e lhes atribui uma gama de valores, desde o afetivo ao simplesmente material.

Milhares de anos atrás já se faziam registros sobre instituições vagamente semelhantes ao museu moderno funcionando. Em Alexandria do século III, o faraó Ptolomeu Sóter criou um dos mais importantes museus da Antiguidade. Nele estavam acondicionadas estátuas de filósofos, objetos astronômicos e cirúrgicos. No mundo ocidental têm-se os exemplos de Atenas, que em seu período áureo, incentivou a produção e guarda da coleção de pinturas que ornavam as escadarias da Acrópole. Os romanos por sua vez, desenvolveram coleções museológicas que eram expostas nos fóruns, templos, teatros e termas.

No período medieval, diante da ruralização e constantes guerras territoriais e religiosas a instituição museal praticamente teve um fim, mas o colecionismo sobreviveu. Os acervos particulares e os institucionais, a exemplo dos senhoriais e eclesiásticos, continuaram a ser montados, multiplicando as relíquias. No caso de guerras e outros interesses, muitas vezes essas peças eram convertidas em capital e transferiram-se de localidade. Na Renascença, período que o ideário greco-romano passou a ser modelo de humanismo e “modernidade”, o colecionismo ganhou um impulso significativo. Destaca-se nesse processo, a fundamental importância da classe burguesa que viu no humanismo, uma forma de estabelecer uma nova ideologia, e consequentemente, uma cultura própria. Dessa forma, os comerciantes e banqueiros foram os grandes responsáveis pela explosão dos acervos após o século XIV. As

¹Criado no ano de 1946 em Paris, o International Council of Museums (ICOM), é uma organização internacional dos museus e dos profissionais dos museus dedicada a promover os interesses de museologia e das demais disciplinas relativas a gestão e as atividades dos museus. Representa a profissão museológica no plano internacional, e é um instrumento técnico para realizar os programas da *UNESCO* referentes ao desenvolvimento dos museus (ZEBIAUR CARREÑO, 2004, p. 11).

coleções principescas, surgidas a partir do século XV, passaram a ser enriquecidas, ao longo dos séculos XVI, de objetos e obras de arte da antiguidade, de tesouros e curiosidades provenientes da América e da Ásia e da produção de artistas da época, financiados pelas famílias nobres. Assim, [...] “muitas dessas coleções, que se formaram entre os séculos XV e XVI se transformaram posteriormente em museus, tal como hoje são concebidos” (JULIÃO, 2006, p. 20).

Entretanto, somente no século XVII se consolidou o museu mais ou menos como atualmente o conhecemos. Depois de outras mudanças e aperfeiçoamentos, hoje os museus, que já abarcam um vasto espectro de campos de interesse, se dirigem para uma crescente profissionalização e qualificação de suas atividades, e se caracterizam pela multiplicidade de tarefas e capacidades que lhes atribuem os museólogos e pensadores, deixando de ser passivos acúmulos de objetos para assumirem um papel importante na interpretação da cultura e na educação do homem, no fortalecimento da cidadania e do respeito à diversidade cultural, e no incremento da qualidade de vida (YASSUDA, 2009, p. 13).

3.3 Características institucionais e noção de documento museológico

Silva (2002, p. 578-579), apresenta em sua obra as características principais dos museus enquanto instituições voltadas à informação. Essa caracterização é realizada quanto a vários aspectos: *tipo de suporte* (inclui objetos bi/tridimensionais, exemplar único); *tipo de conjunto* (inclui coleção, isto é, documentos unidos pelo conteúdo ou pela função); *tipo de produtor* (abastecido pela atividade humana e pela natureza); *fins de produção* (são culturais, artísticos e funcionais); *objetivo* (informar, entreter); *entrada de documentos* (ocorre à compra, doação, permuta de fontes múltiplas); *processamento técnico* (tombamento, catalogação, inventários e catálogos); *público* (grande público e pesquisador).

Dessa forma, as instituições museais, são conhecidas por manterem em seus acervos objetos, artefatos (obra ou produto de arte mecânica) e documentos associados. Não bastasse o tombamento de bens materiais, essas instituições se preocupam com os bens imateriais da humanidade, buscando dar aos objetos diferenciados um tratamento informacional adequado para o atendimento de sua demanda:

A diversidade do acervo do museu requer uma amplitude maior dos campos de descrição, de maneira a atender a todas as demandas informacionais dos itens da coleção. Nos museus, cada peça do acervo é tratada unitariamente, mesmo que faça parte de uma coleção específica. Além disso, características peculiares à instituição museológica, como o perfil do museu (Histórico, Arqueológico, História Natural, Pedagógico, Antropológico, Artes, etc.) privilegia um tipo específico de informação, onde as leituras serão diferentes, assim como os valores que permeiam essas leituras (YASSUDA, 2009, p. 17, grifo nosso).

Os materiais de museu também são passíveis de consulta, embora não se possa emprestá-los ou possuir cópias, criando a peculiaridade do museu e também das galerias de arte, o acesso somente *in loco*. O acesso é feito mediante a política institucional tendo em vista o público em geral ou a comunidade definida (tipos de usuário). A busca por esses materiais se dá através das exposições visuais, meio básico para materiais de museu, e através de consulta a catálogos ou inventários do acervo. As tecnologias audiovisuais têm auxiliado na difusão da informação disposta nos “objetos documentos” tornando-a acessível a diversos públicos (YASSUDA, 2009).

Nesse sentido pode-se afirmar que os documentos expostos para apreciação são denominados coleções, onde existem informações registradas. Esses traços delineadores da instituição museal estabelecem laços estreitos com o conceito de Ciência da Informação, área na qual os museus se inserem. Noção essa diretamente ligada ao alargamento da noção de fonte histórica, que passou a englobar uma série de itens a esse conceito. A esse respeito afirma Bellotto:

Os documentos de museu originam-se de criação artística ou da civilização material de uma comunidade. Testemunham uma época ou atividade, servindo para informar visualmente, segundo a função educativa, científica ou de entretenimento que tipifica essa espécie de instituição. A característica desses documentos é serem tridimensionais, isto é, serem objetos. Têm os mais variados tipos, naturezas, formas e dimensões (BELLOTTO, 2004, p. 37).

Para Silva (2011) a instituição museal, mais que um depósito de objetos antigos necessita ser um local de transmissão de informações, não apenas preocupar-se em preservar seu acervo a todo custo, e sim, pensar no visitante como um usuário da informação, realizando estudos e criando alternativas para que os indivíduos possam se apropriar do conteúdo informacional contido no interior de tais instituições. Ainda para a autora:

Reconhecer o visitante de museu como um usuário da informação é um passo, ainda que curto, para construir uma relação dialógica público e instituições museais, uma vez que essa relação só será realmente construída quando os administradores de museus, casas de culturas e instituições afins passarem a conceber suas exposições a partir das necessidades e interesses informacionais dos visitantes (SILVA, 2011, p.23).

Quanto a esse fato, Novaes, comungando com o pensamento de Silva deixa claro que sem o tratamento adequado das fontes e o cuidado com o tratamento dos objetos de memória coletiva tutelados pelos museus, eles não podem se constituir unidades de informação no sentido estrito da palavra:

um museu que não possui suas coleções devidamente documentadas não poderá cumprir suas funções de gerador, comunicador e dinamizador de conhecimento junto ao patrimônio e a sociedade, enfim não será útil a seu público. Será fadado a ser museu morto, sem linguagem, sem expressão (NOVAES, 1994, p. 1).

3.4. Os museus e a preservação da memória

Além de prover acesso aos objetos e informações, os museus também têm outro objetivo importantíssimo, a preservação da memória. A partir desse objetivo os museus podem atender as demandas de pesquisas, educação e entretenimento tendo como mediador da interação usuário/instituição os profissionais ou conservadores de museu.

Vários autores da filosofia, história e ciência da informação dedicaram estudos à memória e à importância dela para os indivíduos, grupos e nações. Diversas imagens e conceitos se formaram. Santo Agostinho, em suas *Confissões*² descreve a memória como um *locus*, onde estão devidamente guardados nossos pensamentos e imagens acerca do “real” (SANTO AGOSTINHO, 1999, p. 53). Jacques Le Goff por sua vez, entende a memória como uma capacidade inerente ao homem de conservar certas informações, podendo ainda nesse processo de construção atualizar impressões ou informações passadas, ou que são por assim representadas (LE GOFF, 2003, p. 423).

Maurice Halbwachs, comungando da preocupação com a categoria memória, subdivide-a em individual e coletiva. Para o sociólogo, a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. Dessa maneira, a origem de várias ideias, reflexões, sentimentos, paixões que atribuímos a nós são, na verdade, inspiradas pelo grupo, ao que ele denomina de “intuição sensível”. Assim:

Haveria então, na base de toda lembrança, o chamado a um estado de consciência puramente individual que - para distingui-lo das percepções onde entram elementos do pensamento social - admitiremos que se chame intuição sensível [...] (HALBWACHS, 2004, p. 41).

Dessa forma, a memória individual, construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, refere-se, portanto, a “um ponto de vista sobre a memória coletiva”. Olhar este, que deve sempre ser analisado considerando-se o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e das relações mantidas com outros meios (HALBWACHS, 2004, p.55). Para além da formação da memória, Halbwachs aponta ainda, que as lembranças podem, a partir desta vivência em grupo, ser reconstruídas ou simuladas. Podemos criar representações do passado assentadas na percepção de outras pessoas, no que imaginamos ter acontecido ou pela internalização de representações de uma memória histórica. A lembrança, de acordo com Halbwachs, “é uma imagem engajada em outras imagens” (HALBWACHS, 2004, p. 76-78). A partir dessa ideia:

² [...] chegarei assim diante dos campos, dos vastos palácios da memória, onde estão os tesouros de inúmeras imagens trazidas por percepções de toda espécie.“ E ainda acrescenta: “lá também estão armazenados todos os nossos pensamentos, quer aumentando, quer diminuindo, ou até alterando de algum modo o que nossos sentidos apanharam, e tudo o que aí depositamos se ainda não foi sepultado ou absorvido no esquecimento” (SANTO AGOSTINHO, 1999, p. 53).

[...] a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada (HALBWACHS, 2004, p. 75-6).

Assim, percebe-se que a memória social é habitualmente caracterizada como polissêmica. Essa polissemia pode ser entendida sob duas vertentes: de um lado, podemos admitir que a memória comporta diversas significações; de outro, que ela se abre a uma variedade de sistemas de signos icônicos (imagens desenhadas ou esculpidas), e mesmo os signos indiciais (marcas corporais, por exemplo), podem servir de suporte para a construção de uma memória. E o privilégio conferido a cada um desses sistemas de signos por uma sociedade ou por uma disciplina é capaz de trazer à memória uma significação diversa (GONDAR, 2005, p. 12).

Contudo, Le Goff (2003) atenta para o fato de que não existe memória sem esquecimento. Nesse sentido, o ato de esquecer é um aspecto a ser considerado no entendimento da memória. Silvana Monteiro e Ana Carrelli tecem considerações sobre o tema “esquecimento” na Ciência da Informação: Desde sua concepção, os museus, as bibliotecas e os arquivos foram considerados como lugares da memória da humanidade, pelo qual, a perspectiva da memória é vista como preservação. Ao preservar documentos, os lugares da memória guardam materialmente a memória de um povo, de uma cidade, de um país e, com isso, a Ciência da Informação desconsiderou um importante aspecto da memória: o esquecimento (MONTEIRO; CARELLI; PICKLER, 2006; CARELLI, KAIMEN, 2007).

Nessa lógica se pode pensar que os museus devem se constituir uma ferramenta para se evitar o esquecimento, no sentido de sua responsabilidade para uma reparação material e simbólica do coletivo, que se configura no resgate da memória para os grupos cuja memória e história permanecem desprivilegiadas no contexto das instituições. Resgatando a memória, quitamos as dívidas do presente com o passado, dando vida ao que estava condenado ao esquecimento e fornecendo subsídios para construir e aprofundar outras histórias esquecidas, trazendo à tona a memória do que foi sepultado pela história, porém nunca pelos seus participantes. A espécie humana é aquela que transfere sentimentos a objetos, ou a qualquer outra forma, cujo fim é atender seus desejos e amenizar seus medos.

3.5 Novas formas de pensar o museu

Como é possível ver em Souza (2009) a atividade museológica, sobretudo nas últimas duas décadas, tem-se voltado mais para a questão da interação usuário-informação através de aquisição de novas práticas de tratamento documental para que possibilitem ao visitante/usuário uma participação mais íntima e uma apropriação mais efetiva dos dados informacionais contido nas peças expostas sem danificá-las minimamente. Assim, os museus transformaram-se ao longo do tempo, passando por mudanças tanto conceituais quanto estruturais.

Contudo, inúmeras dificuldades encontradas pelas referidas instituições na organização e automação acervos, impede que a informação transponha-se do objeto museológico para o usuário com a eficácia necessária e esperada. Souza afirma que:

[...] se o museu não dispuser de uma estrutura conceitual mínima para que desenvolva sua linguagem documental básica e, nem tampouco, seja capaz de organizar um sistema de recuperação de informação, ele estará alheio às nuances culturais da sociedade a qual serve e representa. Tal desestruturação informacional no museu constitui uma barreira para a percepção e análise do objeto/informação em sua dimensão semântica, além de representar ao mesmo tempo, obstáculo à produção de conhecimento de forma relevante e participativa (SOUZA, 2009, p. 6).

Para Rocha (2007) O recente processo de midiatização que vem acontecendo em algumas instituições museológicas, é responsável por transformar aquela ideia clássica de que museu é um depósito de coisa velha e sagrada. Onde a atuação do usuário era antes totalmente passiva, hoje, em diversas unidades de informação museológica, ele participa ativamente da exposição, passando por experiências sensoriais de absorção de informação. Exemplificando esse fato, tem-se o Museu da Língua Portuguesa, inaugurado em 2006 na cidade de São Paulo que tem como seu principal tema a exaltação a nossa língua, faz uma análise sobre o uso das tecnologias da comunicação na construção de exposições, estas que são temporárias, sendo estas, prestigiadas por uma grande quantidade de pessoas, o que faz com que o museu se assemelhe a um espetáculo. No estado de Sergipe, existe um exemplo semelhante, o Museu da Gente Sergipana, inaugurado em novembro de 2011, cuja especialidade é preservar e difundir a memória e a cultura do sergipano, mantendo e resgatando a identidade desse povo, através de uma interação constante com o usuário.

Esse novo modelo de exposições museais interativas e sensoriais transmuta esses ambientes antes considerados mortos em verdadeiros “museus vivos” chamando a atenção de quem não tinha o hábito nem interesse por tais manifestações culturais, como descreve Rocha:

Os processos interativos proporcionam uma mudança de atitude do visitante que, contrariamente a uma passividade clássica, tem uma experiência mais participativa, fundada no lúdico e permeada por imagens, dando origem a um reencantamento tecnológico (ROCHA, 2007, p. 268).

Dessa forma, cabe ao profissional da informação, mesmo com todas as dificuldades, atuar de forma ética e estar “atenado” com as inovações do saber museológico, propiciando aos usuários a chance de se apropriarem corretamente dos bens informacionais a que têm direito. Se tiver ele mesmo a consciência do conceito de cidadania, deverá estar atento às suas competências e conhecimentos desde a organização da informação, o desenvolvimento do acervo, as condições do acesso, do atendimento e da disseminação propriamente dita (BARROS, 2003, p. 25). Assim sendo, é necessário um maior investimento nos profissionais da informação visto que eles são os detentores do conhecimento necessário para tornar a gestão e disseminação das informações mais efetiva e satisfatória.

3.6 Galerias de arte

O contacto com uma obra de arte apura a sensibilidade, a criatividade, amplia as capacidades cognitivas, afetivas, expressivas, desenvolve o poder de discriminação e amplia o sentido crítico. A arte é um meio de comunicação, de expressão e de construção do próprio real que é essencial no desenvolvimento e na realização do ser humano, enquanto ser social, sensível e criativo.

As Galerias de arte se constituem em espaços arquitetônicos onde são dispostas de forma regular e /ou eventual as obras de arte. Tais ambientes são pensados e definidos para propiciarem a obra segurança e ao visitante a possibilidade de apreciação das obras expostas. Aspectos importantes que precisam ser pensados ao se instalar esse tipo de unidade de informação são: o posicionamento adequado, iluminação, possibilidade de distanciamento e circulação do expectador. Tais necessidades são o fundamento da perfeita observação do trabalho do artista (GUIMARÃES, 2009).

Nesses espaços são expostas pinturas, esculturas, instalações e outras formas de expressão visual. As galerias de arte podem fazer parte de museus como um de seus equipamentos ou departamentos, e também, de forma independente.

Podem se constituir como estabelecimentos públicos e privados de comércio de obras. Nos públicos em geral têm-se uma rotatividade de exposições, mas que em geral são organizadas por curadores e os negócios se realizaram em geral entre artista e seu comprador. No caso das privadas, há na maior parte das vezes, uma rede comercial melhor estabelecida. Em geral esse tipo de galeria não possui um acervo próprio (GUIMARÃES, 2009).

3.7 Os museus e galerias de arte no estado de Sergipe

Na cidade de Aracaju foram identificadas quinze unidades de informação, sendo oito Museus e sete Galerias de Arte. Ambos com um caráter de preservação da memória e cultura local. Essas unidades informacionais do Estado de Sergipe são, quase que em sua maioria, detentoras de muitos suportes de inestimável valor, repletos de ricas informações (quadros, peças em cerâmica, mobiliário, instrumentos musicais, objetos pessoais de grandes personalidades sergipanas, esculturas e imagens sacras, cédulas e moedas antigas, artefatos bélicos, livros, *standards*, artefatos líticos e etnográficos, iconografia, cartografia, objetos navais, etc.). Em sua maioria, os museus apresentam acervos que retratam o passado histórico e artístico do povo sergipano e objetivam transmitir às novas gerações a riqueza cultural construída pelos nossos ancestrais. Em sua maioria têm

como especialidade a guarda de objetos que pertencem à história do povo sergipano, sejam eles ligados a temática histórica, política, médica ou cultural. Um diferencial nesse conjunto é o Museu da Gente Sergipana, que tem por finalidade “disseminar a cultura do Estado fortalecendo a identidade do povo sergipano” através de seu acervo disponibilizado por modernos equipamentos tecnológicos, como painéis e mesas holográficas, estruturas mecânicas, computadores e *tablets* para visitas virtuais e etc.

Por sua vez, as galerias de arte além de preservar a obra e a história de grandes artistas de Sergipe, investem na divulgação dos novos talentos das artes plásticas da região, por vezes recebendo exposições de artistas oriundos de outros estados e regiões do país. As galerias de arte desenvolvem uma divulgação das artes plásticas de Sergipe com exposições temporárias e permanentes. Mas sua maior finalidade é a comercialização dessas obras, sobretudo nas galerias particulares. Nas públicas, o artista expõe suas obras gratuitamente, quando alguém se interessa em adquirir alguma peça a galeria repassa o contato do artista e a compra é feita diretamente com ele. Ao final da exposição, o artista que está expondo deixa uma peça para compor o acervo particular da galeria. Em algumas ocasiões a galeria expõe seu acervo para apreciação da sociedade.

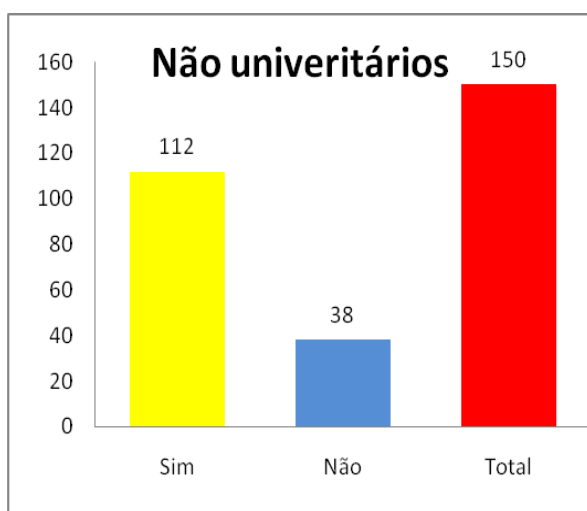
De forma geral, o acesso aos museus se dá, quase sempre de forma gratuita. Apenas em duas instituições na cidade de São Cristóvão e uma na cidade de Laranjeiras, é cobrada uma taxa para visitação que varia entre R\$ 1,00 e R\$ 5,00, e conta com várias categorias de isentos, como alunos em excursão, idosos acima de 60 anos, policiais, munícipes e outros. Nas instituições maiores o visitante é acompanhado de um estagiário/guia que lhe apresenta os espaços e fala sobre a origem e significado das peças. Após a visita guiada a pessoa pode revisitar os espaços que desejar sozinho. São também desenvolvidas ações como lançamentos de livros de autores sergipanos e apresentações de orquestras, ambos de entrada gratuita. Por vezes os Museus cedem espaço para realizações de oficinas de variadas temáticas envolvendo a comunidade.

4 UNIDADES DE INFORMAÇÃO E USUÁRIOS: ANÁLISE DE DADOS

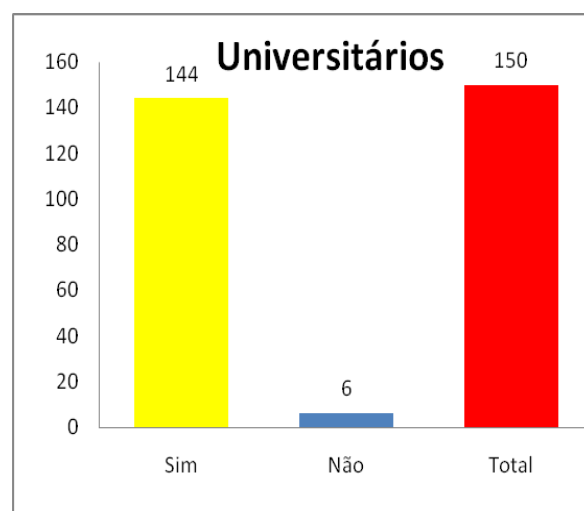
Para a realização dessa pesquisa, foi utilizada uma amostra de 300 indivíduos, separados em dois grupos de 150 pessoas. No primeiro grupo foram aplicados 150 questionários entre os estudantes da Universidade Federal de Sergipe, nos períodos da manhã, tarde e noite. No segundo grupo, os 150 questionários foram aplicados com não universitários, sendo 50 deles aplicados em pessoas que circulavam no centro da cidade de Aracaju e os outros 100 questionários foram distribuídos em 6 subgrupos, representados pelas outras cidades em que a pesquisa foi realizada, a saber: São Cristóvão, Laranjeiras, Itabaiana, Boquim, Frei Paulo e Canindé do São Francisco. Este último, mais precisamente no povoado de Alagadiço, onde se encontra uma das unidades de informação que foram catalogadas.

Quanto à questão nº 1, procurou-se visualizar o conhecimento/informação dos entrevistados sobre museus e/ou galerias de arte.

Gráfico 1: Informações sobre museus e galerias “não universitários” Gráfico 2: Informações sobre museus e galerias “universitários”



Fonte: Dados da pesquisa, 2012.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

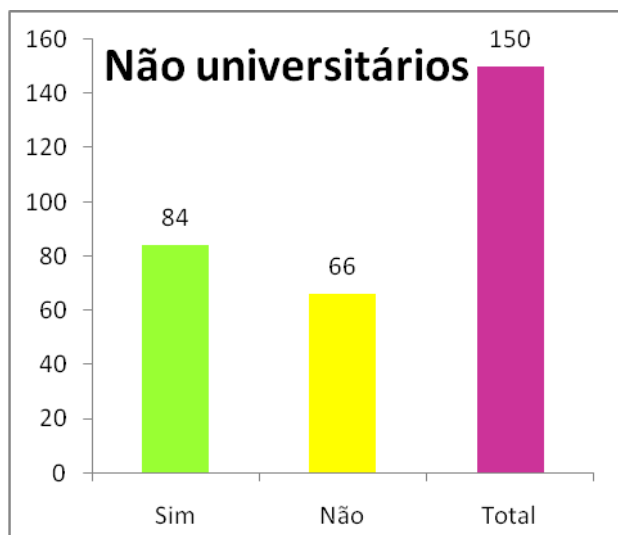
Percebe-se que entre os membros da comunidade letrada, representada pelos estudantes da UFS, o percentual de indivíduos que têm conhecimento acerca das unidades de informação pesquisadas é de 96% (144). Apenas 4% (6) das pessoas entrevistadas afirmaram não conhecer nada sobre as referidas instituições. Para o grupo de não universitários, o número de pessoas que não têm conhecimento sobre Museus e Galerias de arte são um pouco maior, 25,3% (38). Ainda na amostra de não letrados, o percentual de pessoas que tem

informações sobre museus e galerias de artes não deixa de ser significativo: 74,7% (112) responderam que possuem alguma informação sobre estas unidades de informação.

No conjunto destas respostas é possível perceber que os entrevistados (universitários e não universitários) possuem informações (advinda de qualquer meio informacional ou não) sobre galerias de arte e museus. Neste sentido, pode-se apreender também que a visibilidade dos mesmos é algo presente no cotidiano dos entrevistados.

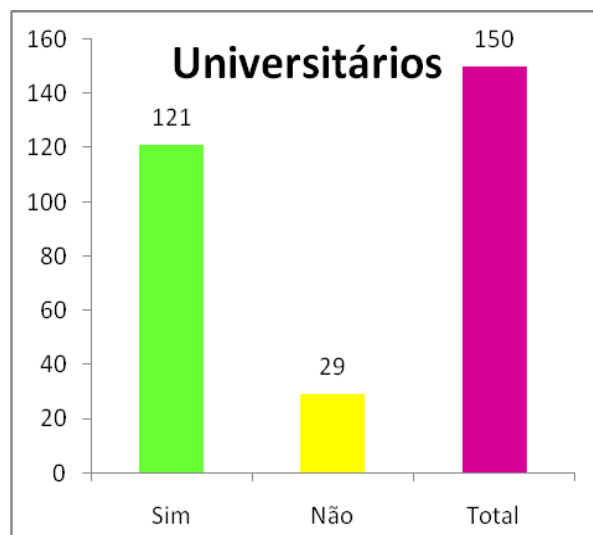
Para corroborar os dados da questão acima, perguntamos aos entrevistados se eles sabiam definir os objetivos funcionais de um museu ou galeria de arte.

Gráfico 3: Dados sobre conhecimentos de objetivos funcionais “não universitários”



Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Gráfico 4: Dados sobre conhecimentos de objetivos funcionais “universitários”



Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Entre os universitários, 80% (121) afirmaram saber os objetivos funcionais destas unidades de informação do estado. Os outros 20% disseram que não tem conhecimento sobre os objetivos funcionais destas unidades. No que se refere ao grupo dos não universitários, as porcentagens positivas e negativas equilibraram-se um pouco. 56% (84) dos populares afirmaram conhecer os objetivos funcionais das instituições, outros 44% (66) disseram que não tais objetivos. Pelos dados, observa-se que no grupo dos universitários, os objetivos funcionais das unidades de informação são mais difundidos que no grupo de não universitários. Possivelmente, reflexo do contexto sociocultural diferenciado entre os dois grupos analisados.

Às pessoas que responderam a questão anterior foi questionada qual instituição ela conhecia.

Quadro1: Informações sobre museus e galerias que conhece – não universitários

Unidades de Informação	Quantidade de não universitários
Museu da Gente Sergipana	23
Museu de São Cristóvão/ Arte Sacra	10
Museu de Laranjeiras	12
Museu Afro	6
Museu Histórico	2
Museu de Itabaiana	1
Palácio Museu Olímpio Campos	7
Museu do Homem Sergipano	4
Museu de Arqueologia de Xingó	6
Galeria Álvaro Santos	1
J. Inácio	1
Ex-votos	2
Museu de São Cristóvão	6
Museu da UNIT	1
Memorial de Sergipe	2
Museu de Estância	1
Museu Raimundo Fonseca/Museu de Boquim	6
Museu de São Cristóvão/ Arte Sacra	10
Museu de Laranjeiras	12
Não lembro	58

Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Quadro2: Informações sobre museus e galerias que conhece - universitários

Unidades de Informação	Quantidade universitários
Museu da Gente Sergipana	40
Museu de São Cristóvão/ Arte Sacra	19
Museu de Laranjeiras	12
Museu de arte sacra de Laranjeiras	0
Palácio Museu Olímpio Campos	14
Museu do Homem Sergipano	18
Museu de Arqueologia de Xingó	9
Galeria Paulo Bedeu	1
Museu Afro-Brasileiro	4
Museu da UNIT	4
Museu Sergipano	2
Galeria Álvaro Santos	11
Galeria J. Inácio	4
Galeria do Sesc	1
Museu de Glória	1
Museu de Estância A20	1
Memorial Tobias Barreto	1
Memorial de Sergipe	4
Museu do Judiciário	1
Museu da polícia militar	1

Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

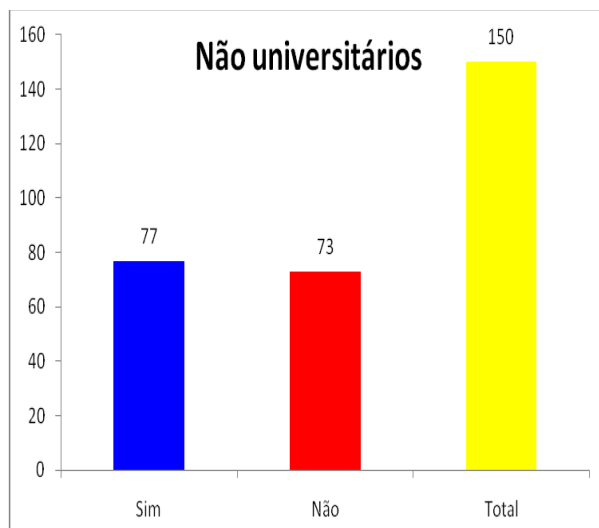
O Museu da Gente Sergipana destacou-se como o mais conhecido entre os dois grupos. Devido à intensa divulgação na mídia escrita e televisiva na época de sua inauguração, há apenas dois anos, ele consta entre os museus mais conhecidos. Mesmo quem nunca o visitou e nem sabe a sua localização exata afirma que o conhece por ter o visto em jornais e televisões.

Outros Museus que são conhecidos pelos dois grupos são o Museu do Homem Sergipano, por ser muito antigo e o Museu de arte Sacra de São Cristóvão que figura entre os 4 grandes acervos de peças sacras do Brasil.

Entre as galerias, a Galeria de Arte Álvaro Santos, embora tenha sido citada apenas uma vez dentre os não universitários, foi a que mais destacou-se, sendo citada por 11 pessoas no grupo dos universitários. As demais galerias, incluindo a “**Galeria de Arte Paulo Bedeu**” foram citadas entre 1 e 4 vezes, nos dois grupos.

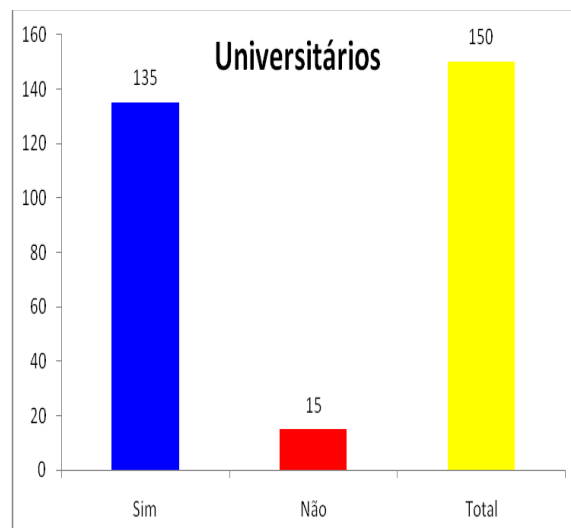
Numa terceira questão, ainda refletindo sobre as informações gerais em relação a essas unidades de informação, perguntamos acerca da localização dessas instituições.

Gráfico 5: Informações sobre localização de museus e galerias “não universitários”



Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Gráfico 6: Informações sobre localização de museus e galerias “universitários”



Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Dentre os estudantes da UFS 90% (135) afirmaram saber a localização de algum Museu ou Galeria de arte em Sergipe. Apenas 10% (15) pessoas disseram que não sabem a localização de nenhuma instituição.

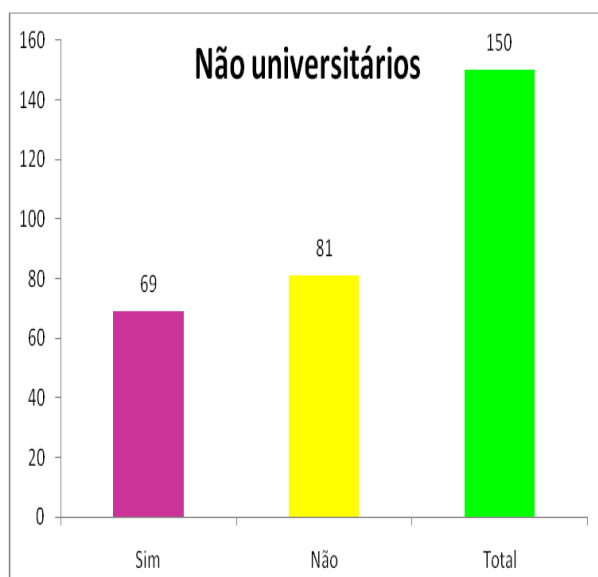
No grupo dos populares encontrou-se um equilíbrio. 51% das pessoas entrevistadas afirmaram que sim, sabem a localização de pelo menos uma instituição, e outros 49%

disseram que não, não sabem onde se encontram os museus e galerias de arte no estado de Sergipe.

Cruzando-se as informações desse item com a questão anterior, percebe-se que as unidades de informação mais conhecidas estão localizadas na área central da cidade de Aracaju, a exemplo do Museu da Gente Sergipana (Av. Ivo do Prado), Museu do Homem Sergipano (R. de Estância) e Galeria Álvaro Santos (Parque Teófilo Dantas), o que indicaria uma visibilidade dessas unidades.

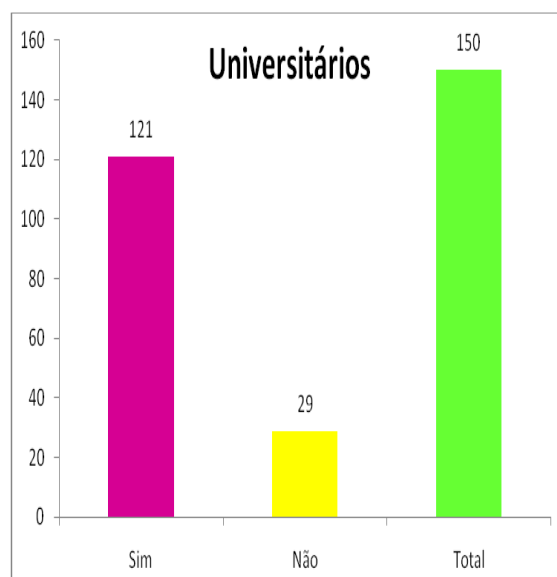
Na questão 04, perguntou-se aos entrevistados se já estiveram em algum museu ou galeria de arte.

Gráfico 7: Informações sobre se já estiveram em museus e galerias de “não universitários”



Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Gráfico 8: Informações sobre se já estiveram em museus e galerias de “universitários”



Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Mais de 80% (121) dos estudantes universitários já estiveram, de fato, visitando um museu ou galeria, enquanto que entre os populares, 54% (69) nunca estiveram visitando um museu. Talvez por falta de interesse pessoal ou deficiência na divulgação e apoio a cultura no estado.

Nos casos afirmativos, perguntamos que instituições eles haviam visitado. Do mesmo modo que aconteceu na questão 2.1 os museus mais visitados por ambos os grupos foram o Museu da Gente Sergipana, Museu de Arte Sacra de São Cristóvão e o Museu do Homem Sergipano. Nessa situação, juntaram-se a eles os Palácio Museu Olimpio Campos e o Museu de Arte Sacra de Laranjeiras.

Quadro 3: Informações sobre visita a museus e galerias – não universitários

Unidades de Informação	Quantidade de não universitários
Museu da Gente Sergipana	19
Museu de Arte Sacra São Cristóvão	8
Museu de Laranjeiras	2
Museu de arte Sacra de Laranjeiras	3
Museu Afro	5
Museu de Itabaiana	1
Museu Histórico	2
Palácio Museu Olímpio Campos	7
Museu do Homem Sergipano	3
Museu de Arqueologia de Xingó	3
Galeria Alvaro Santos	1
SEMEAR	1
Memorial de Sergipe	3
Museu de Estância	1
Museu Raimundo Fonseca/Museu de Boquim	6
Museu da Gente Sergipana	19
Museu de Arte Sacra São Cristóvão	8
Museu de Laranjeiras	2
Museu de arte Sacra de Laranjeiras	3
Museu Afro	5
Não visitou	85

Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Quadro 4: Informações sobre visita a museus e galerias - universitários

Unidades de Informação	Quantidade de universitários
Museu da Gente Sergipana	33
Museu de São Cristóvão/Arte Sacra	27
Museu de Laranjeiras	9
Palácio Museu Olímpio Campos	17
Museu do Homem Sergipano	18
Museu de Arqueologia de Xingó	11
Museu Afro-Brasileiro	4
Museu da UNIT	1
Museu de Arte Sacra de Laranjeiras	2
Museu de Sergipe	5
Galeria J. Inácio	6
Galeria Álvaro Santos	11
Galeria do Sesc	1
Museu de Glória	1
Memorial Tobias Barreto	1
Memorial de Sergipe	4
Museu do Judiciário	1

Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Dentro desta perspectiva de saber quem havia visitado um museu ou galeria de arte, buscou-se aprofundar o motivo da visita.

Quadro 5: Informações sobre motivo da visita a museus e galerias – não universitários

Motivo da visita	Quantidade de não universitários
Escolar	30
Curiosidade/Conhecer o museu	26
Obter conhecimento cultural	9
Visita técnica	17
Estudos e lazer/passeio	18
Valorizar artistas sergipanos	11
Pesquisa histórica	4
Obter conhecimento	1
Conhecer a história do negro	2
Queria ir porque é bonito	5
Gosto de coisa antiga	6
Tentei pegar uma agenda e não consegui	11
Levar peça após procissão	1
Ver os santos	1
Porque fica na biblioteca	1
Estava em Aracaju no dia da inauguração	4

Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Quadro 6: Informações sobre motivo da visita a museus e galerias - universitários

Motivo da visita	Quantidade de universitários
Escolar	17
Lançamento de livro	1
Entretenimento	1
Informação	1
Conhecer a história	5
Buscar conhecimento Específico	3
Curiosidade	14
Moro na cidade	1
Pesquisa Cultural	2
Motivo acadêmico	1
Conhecimento/aprendizagem	2
Normal	1
Saber da arte sergipana e cultura em geral	13
Pesquisa	2
Conhecer a história e cultura de Sergipe	3
Visita técnica da universidade	5
Passeio com amigos	2
Visita técnica de patrimônio cultural	1
Estudos e lazer	11
Fins didáticos/acadêmicos	4
Conhecer o museu	7
Obter conhecimento cultural	13
Para ser Cult	1
Estágio	0
Estudos e lazer	9
Ver exposições	2
Prestigiar artistas	2
Trabalho histórico	2
Obter conhecimento específico da área museológica	1
Não respondeu	23

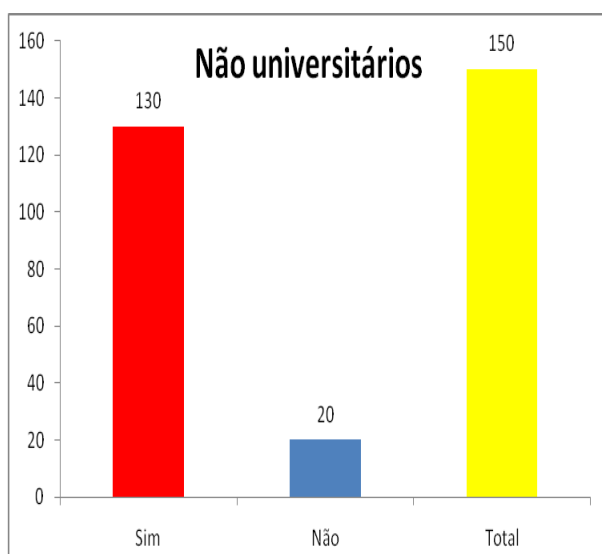
Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

No conjunto das respostas, contabilizou-se que as visitas se dão por motivos variados, mas pode-se perceber, nos dois grupos, que a grande maioria esteve na instituição por motivos escolares, pesquisas científicas, visitas técnicas da universidade e a título de curiosidade, vontade de conhecer o que se passa e o que se expõe dentro de um museu.

Algumas situações citadas são fora do usual, por exemplo, como a pessoa entrar em um determinado museu com intuito de conseguir um brinde que estaria sendo oferecido no dia da inauguração, não conseguindo o seu intento, já que estava lá, achou que seria interessante conhecer o museu. Visitas a caráter de lazer são também bastante comuns.

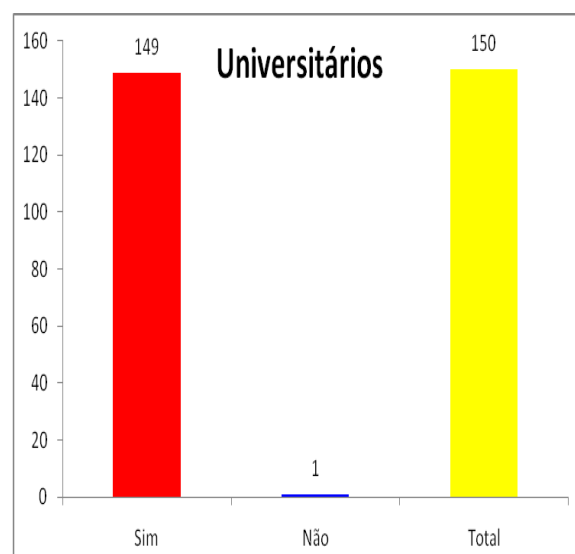
Por fim, resolveu-se averiguar a importância destas unidades de informação.

Gráfico 9: Informações sobre importância museus e galerias “não universitários”



Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Gráfico 10: Informações sobre importância de museus e galerias de “universitário”

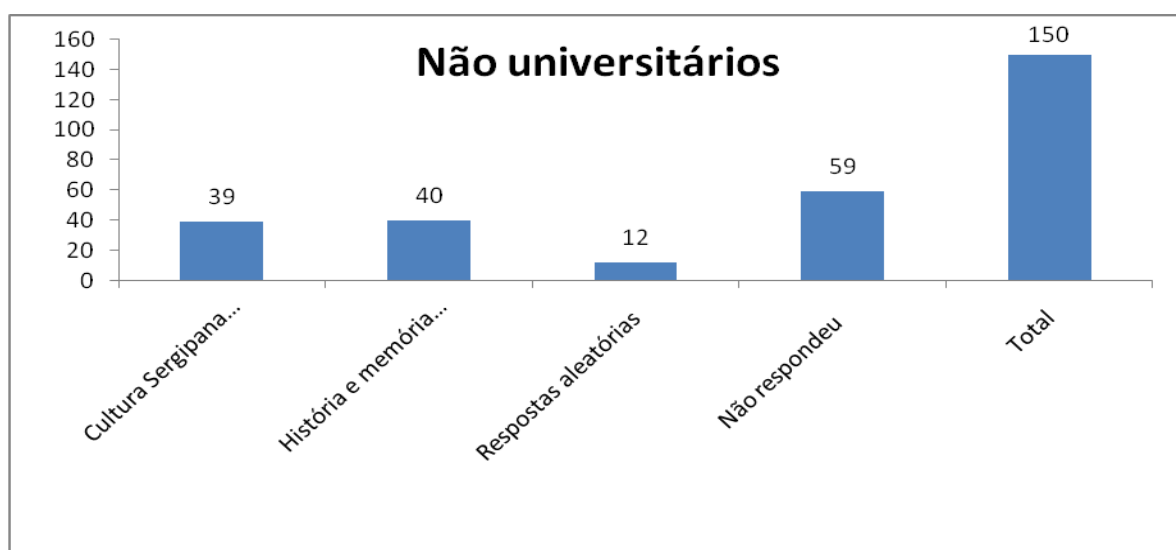


Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Dos 300 entrevistados, apenas 21 pessoas afirmaram não ser importante a existência de Museus e Galerias de arte no Estado, sendo 1 do grupo universitário e 20 do grupo dos não universitários.

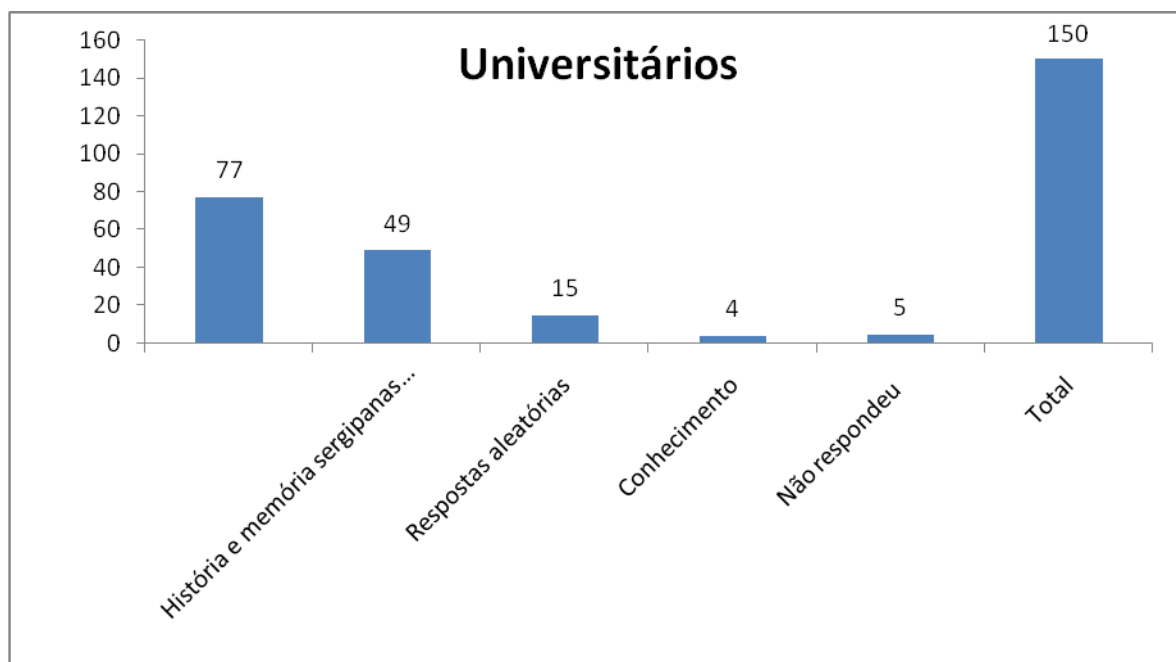
Em caso de respostas afirmativas à questão anterior, questionou-se o porquê do indivíduo considerar importante a existência de tais instituições.

Gráfico 11: Informações sobre a importância da existência de museus e galerias “não universitário”



Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Gráfico 12: Informações sobre importância da existência de museus e galerias “Universitários”



Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Pouco mais de 51% dos estudantes universitários e 26% dos populares, afirmaram ser importante que existam Museus e Galerias de Arte no Estado de Sergipe devido a necessidade de preservar, valorizar e disseminar a cultura sergipana.

Aproximadamente 33% dos alunos da UFS e pouco mais de 35% dos populares deram respostas diretamente relacionadas a preservação e disseminação da história e memória do povo do estado de Sergipe.

Dentre todos os 300 entrevistados, quanto a esta questão apenas 18% responderam de forma aleatória, como por exemplo “porque sim” ou “porque é legal”. Quase 40% dos populares e apenas 3% dos universitários optaram por não responder esta questão.

Isso demonstra que, tendo conhecimento ou não das instituições referidas, tendo ou não o hábito de visitar esses lugares, a maioria da população acredita que seja importante ter a presença dessas unidades de informação, sendo para difundir a cultura local ou preservar a memória desse povo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Construir uma obra de referência não é um trabalho fácil. No decorrer da coleta de dados aconteceram inúmeros problemas que dificultaram o acesso às informações necessárias à pesquisa. A maior dificuldade foi a ausência de um histórico oficial por parte das instituições pesquisadas. Por sua vez, os funcionários também não sabiam informar sobre a data de fundação, a(s) pessoa(s) responsáveis pelo projeto de criação e os objetivos da instituição. Em um número significativo dessas unidades de informação, fomos orientados a consultar a internet para obter os dados procurados, ou seja, eles não têm conhecimento acerca de seu local de trabalho, nem se preocupam em construir um histórico para fornecer aos usuários, na sua maioria, turistas em visita a cidade de Aracaju. O mesmo percebeu-se nas unidades do interior do estado, a exceção de Museu de Xingó que por ter uma ligação direta com a Universidade Federal de Sergipe, mantém um corpo funcional estruturado e panfletos informativos acerca da instituição e seu acervo.

Outro empecilho à realização da pesquisa se deu em relação ao período, pois grande parte dela ocorreu em período de transição de governo municipal. Tal fato teve como consequência a saída de funcionários ligados a gestão anterior, para entrada, de novos funcionários. O principal problema identificado foi a falta de informação dos funcionários que alegavam pouco tempo na instituição, ou desculpavam-se pela não presença da pessoa responsável pelas informações. Outro ponto importante, foi a constatação que muitas unidades estavam inclusive sem direção no momento da pesquisa

Outro descuido grave foi constatado nos museus da Ponte de Imperador e do Memorial da Bandeira, que constam no catálogo do Ibran como instituições públicas municipais. No referido catálogo é disponibilizado um número de telefone, mas que não mais está mais conectado a instituição. Além, é claro, dos dois “museus de rua” estarem em completo abandono. Ao ir ao local para tirar a fotografia em uma manhã de domingo, foi necessário sair correndo para evitar um assalto devido a grande quantidade de mendigos, drogados e assaltantes no local.

No Museu Galdino Bicho, que se encontra no interior do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, não havia nenhum funcionário que soubesse informar o histórico da instituição, inclusive a estagiária responsável. Ela falou que tal informação deveria ser verificada em um painel disponível no acervo, mas as informações não se encontravam no mesmo. Constatado o equívoco, a estagiária sugeriu que as informações fossem procuradas

em quase 50 edições da revista do instituto. Contudo, as mais antigas se encontram em péssimo estado de conservação, dificultando a pesquisa.

O Museu dos Ex-Votos, localizado no interior da igreja Nossa Senhora do Carmo, em São Cristóvão não possui funcionários, somente um estagiário que não sabia oferecer nenhuma informação acerca da instituição, nem esclarecer quem era responsável por elas. No Museu Histórico de Sergipe, também localizado no município de São Cristóvão, a diretora não quis se disponibilizar a passar as informações, nem atender ao pesquisador. Ao insistir, afirmando que eram perguntas simples que não requeriam nenhuma apresentação de documento sigiloso, ela ordenou que a estagiária nos respondesse. Essa nos levou por uma visita guiada pelo museu, com um enorme manual em mãos para nos informar sobre o acervo histórico. Uma parte do histórico foi retirada de uma placa que fica na sala de entrada do museu.

Em Laranjeiras, cidade referência acerca do século XIX em Sergipe o quadro não se alterou. Para conseguir as informações foi preciso três deslocamentos. Na primeira delas, o museu Afro-brasileiro de Sergipe se encontrava fechado devido aos preparativos para o Encontro Cultural de Laranjeiras, o que uma contradição, pois essa unidade é a única referência acerca dos africanos em Sergipe, numa cidade de maioria negra e em meio a um festival que já foi destaque nacional por décadas. A diretora me recebeu na porta, me informou a situação e eu expliquei do que se tratava a pesquisa. Ela pediu meu contato e disse-me que enviaria todas as informações por e-mail. Aguardei por uma semana, período em que aconteceu o encontro cultural, respeitando a necessidade dela, e as informações não foram enviadas. Ligava para o museu e ela nunca se encontrava. Quase 20 dias depois eu liguei outra vez e ela me pediu desculpas e falou que pediria para a estagiária me enviar. Quando recebi o e-mail, vieram quatro slides, que possivelmente ela utiliza para apresentar o museu em excursões de colégios, pois apresenta informações muito condensadas, que não supriram as minhas necessidades. Juntamente foi enviada uma foto do decreto de fundação do museu, com letras minúsculas, impossíveis de serem lidas, o que me fez retornar mais uma vez ao local para finalizar meu trabalho.

Museu de Anatomia Humana, que se localiza no Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, da Universidade Federal de Sergipe. O histórico de fundação do museu se encontra em um banner pendurado na entrada do museu. A própria professora que o construiu mandou que eu o copiasse, pois era “esse aí mesmo”. As outras informações como endereço e horário de funcionamento foram recolhidas junto ao funcionário da instituição.

No Museu do Cangaço, que se localiza no povoado de Alagadiço em Frei Paulo a situação foi mais desesperadora. Ao chegar encontrei o Museu aparentemente aberto (no caso suas portas internas e janelas estavam abertas), mas o portal da frente encontrava-se fechado. Após chamar, insistir por vários minutos procurei uma casa próxima e fui informada pela vizinha que os funcionários haviam saído, tendo que retornar sem as informações. Ao chegar a Aracaju, procurei o Sr. Antônio Porfírio, proprietário do museu que se disse “chocado”, pois contratou dois funcionários para cuidarem do museu. O mais interessante é que na estrada que se percorre até chegar à referida instituição o que mais se vê são placas e *outdoors* convidando a conhecer o museu do cangaço. O Sr. Antônio me forneceu uma revista digital e outra impressa contendo informações acerca do museu, e completou as demais de forma oral.

Quanto as Galerias de Arte do Estado de Sergipe houve maior dificuldade em três das unidades pesquisadas. Na galeria de Arte Zé de Dome, eu liguei e falei com o dono, ele marcou a entrevista, mas, na hora marcada a funcionária me informou que ele tinha acabado de ligar dizendo estar doente. Disse-me também que poderia encontrar algumas informações no site da instituição. No Espaço Cultural Yázigi ao falar com o responsável pela galeria, ele me recebeu e disse-me que eu não poderia entrar na mesma, pois estava fechada devido o período de férias e os preparativos para a reabertura. Pediu meu contato e me tranquilizou afirmando que o responsável pelo marketing da instituição entraria em contato, o que não ocorreu.

O que se pode notar é que, na maioria das instituições, se a visita ocorre de maneira agendada previamente, como por exemplo, por colégios em excursões acompanhados de professores ou visitas de pessoas ilustres, há uma organização para essa recepção. Mas se o usuário aparece repentinamente (como a maioria dos turistas e visitantes locais) a informação não é tão disponível quanto parece. No decorrer da pesquisa, em nenhuma instituição fui recebida por um profissional da área da ciência da informação, fosse ele ligado a museologia, biblioteconomia ou arquivologia, nem mesmo historiadores existiam. Em alguns museus existem estagiários de museologia, que estão se formando, mas profissional graduado não se encontrou nenhum, ao menos no local de trabalho.

Percebe-se também que a maior deficiência nessas unidades de informação não é estrutural, pois boa parte deles está em bom estado de conservação. O principal problema é o material humano, que deixa a desejar. Não se encontra o profissional responsável, nem informações sólidas. As pessoas lotadas nessas unidades acima elencadas, em geral são estagiários das universidades locais, com destaque para UNIT e UFS, ou funcionários públicos municipais ou estaduais, boa parte sem formação universitária. O resultado desse

panorama se materializa na constatação que a maioria das pessoas que estão trabalhando nesses locais não têm conhecimento de sua verdadeira função, que é disseminar a informação no meio social. Logo, a impressão primeira é que se tem é a de estar em uma instituição sem raízes, sem passado e sem vida.

Embora o quadro acima seja assustador, há também algumas instituições onde esse cenário se dissolve. São elas: Museu de Arte Sacra de São Cristóvão; Museu do Homem Sergipano; Museu Médico de Sergipe “Dr. Augusto Leite”; Museu Raymundo Fernandes da Fonseca; Palácio Museu Olímpio Campos; Museu Histórico e Artístico de Itabaiana “Antônio Nogueira”; Galeria de Arte Álvaro Santos; Galeria de Arte J. Inácio; Galeria de Arte Jenner Augusto [SEMEAR]; Espaço cultural D'Época; Museu de Arte Sacra de Laranjeiras; Museu da Gente Sergipana.

Nessas unidades quando não puderam me atender imediatamente, agendaram visita e me receberam posteriormente, disponibilizando todas as informações de que necessitava e até muitas outras não necessárias ao desenvolvimento desse trabalho, mas que acresceram meu estoque pessoal de conhecimento. Nelas fui recebida por diretores, estagiários e/ou funcionários tendo meus questionamentos respondidos prontamente. Destaco aqui o museu de Arte Sacra de Laranjeiras que possui uma estagiária, D. Marinalva, estudante de museologia que de forma eficiente e cordial mostrou-me a unidade, demonstrando grande conhecimento acerca do município e das obras lá expostas, bem como da história do referido museu.

Dessa maneira, após apresentar tais problemas, sugerimos que para um bom desenvolvimento da função social e cultural das unidades de informação sergipanas, se faz necessário a contratação imediata de uma equipe multidisciplinar, envolvendo profissionais da área da ciência da informação, pois os profissionais que atuam em boa parte dessas unidades não sabem dar o tratamento necessário às informações contidas nos mais diversos suportes e que estão sob a guarda das mesmas. Esse preparo das equipes se faz necessário para fomentar o acesso das informações aos usuários e possíveis usuários, bem como para buscar aproximar-se da sociedade, que ao que se percebeu no decorrer dessa pesquisa, está bastante afastada dessas instituições.

Em relação a estrutura física, embora a maioria esteja aparentemente em bom estado, há ainda unidades necessitando de reformas e melhoria de suas instalações. Algumas se encontram em estado de abandono e, outras completamente desestruturadas, sem material adequado para desenvolver seus trabalhos.

Por fim, entende-se que essas instituições devem investir suas “energias” em uma maior divulgação de sua função e papel social, bem como nas atividades culturais aglutinando não

somente a classe erudita local, mas a sociedade como um todo,, atraindo de forma mais efetiva a grande população para dentro dos museus e galerias do estado. Dessa forma, se faz necessário a presença nessas unidades, de profissionais da informação que tem por dever, além dos procedimentos técnicos, promover a interação entre o museu em que trabalha e a comunidade da região em que a unidade se localiza, desenvolvendo assim, além de uma função profissional um papel socioeducativo. Somente dessa forma, tais instituições museais, além de locais de guarda, podem se tornar verdadeiras unidades de informação, ou seja, local de preservação da memória transmissão de informação rápida e segura, órgãos de fomento de cultura e conhecimento, além de preocupadas com as reais necessidades da sociedade.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. Tradução de J. Oliveira Santos, S.J., e A. Ambrósio de Pina, S.J.
- BARROS, Maria Helena T. C. de. **Disseminação da informação**: entre a teoria e a prática. Marília: [s.n.], 2003.
- BELLOTTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos Permanentes**: tratamento documental. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- CARELLI, Ana Esmeralda; KAIMEN, Maria Julia Giannasi. **Recursos informacionais para compartilhamento da informação**: redesenhando acesso, disponibilidade e uso. Rio de Janeiro: E-papers, 2007. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/119/170>. Acesso em: 12 jan. 2013.
- CAVALHEIRO, Marcos Ulisses; SILVA, Luiz Antônio Santana da. **Interlocuções entre Arquivologia e Museologia**: o arquivo-museu de literatura brasileira e sua missão. Maringá (PR) 24 a 26 de Outubro de 2012, p. 1–13.
- GALVÃO, Geysa Karla Alves; BERNARDES, Denis Antonio de Mendonça. A organização da informação como instrumento de preservação e acesso ao Museu Virtual da Coleção Etnográfica Carlos Estevão de Oliveira. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPG-PMUS)**, Unirio, MAST, v. 4. n. 2, 2011.
- GONDAR, Jô. **Quatro proposições sobre memória social**. In: **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra capa livraria, 2005.
- GUIMARÃES, Rita Lobo. **Práticas de Recepção Cultural**: os públicos das galerias de arte. Dissertação (Mestrado em Educação Artística)- Faculdade de Belas-Artes. Lisboa, 2009. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/629/1/22766_ULFBA_TES339.pdf Acesso em: 12 jan. 2013.
- HALBSWACHS. Maurice. **Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 2004.
- JULIÃO, Letícia. Apontamentos sobre a história do museu. **Caderno de diretrizes museológicas**. 2. ed. Brasília: Ministério da Cultura, 2006.
- LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.
- MONTEIRO, Silvana Drumond; CARELLI, Ana Esmeralda; PICKLER. Representação e memória no ciberespaço. **Rev. CI Brasília**, v. 35, n3, p. 115 -123, 2006. Disponível em:

<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/119/170>.

Acesso em: 26 out. 2012.

NOVAES, Lourdes Rego. **Da organização do patrimônio museológico**: refletindo sobre a documentação museográfica. Porto Alegre: [s.n], 1994. 110p

OLIVEIRA, Cibele de C. de. Foto do **Museu de Anatomia Humana “Dr. Osvaldo da Cruz Leite”**. Aracaju, 2013. 1fotografia color., 15 de março de 2013.

OLIVEIRA, Cibele de C. de. Foto do **Espaço Cultural Yázige**. Aracaju, 2013. 1fotografia color., 10 de março de 2013.

OLIVEIRA, Cibele de C. de. Foto do **Museu de Rua Ponte do Imperador**. Aracaju, 2013. 1fotografia color., 03 de fevereiro de 2013.

OLIVEIRA, Cibele de C. de. Foto do **Palácio Museu Olímpio Campos**. Aracaju, 2013. 1fotografia color., 03 de fevereiro de 2013.

OLIVEIRA, Cibele de C. de. Foto do **Museu Raymundo Fernandes da Fonseca**. Aracaju, 2013. 1fotografia color., 06 de fevereiro de 2013.

OLIVEIRA, Cibele de C. de. Foto do **Museu do Homem Sergipano**. Aracaju, 2013. 1fotografia color., 08 de janeiro de 2013.

OLIVEIRA, Cibele de C. de. Foto do **Museu Galdino Bicho**. Aracaju, 2013. 1fotografia color., 09 de janeiro de 2013.

OLIVEIRA, Cibele de C. de. Foto do **Museu Médico de Sergipe “Dr. Augusto Leite”**. Aracaju, 2013. 1fotografia color., 10 de março de 2013.

OLIVEIRA, Cibele de C. de. Foto do **Museu Histórico de Sergipe**. Aracaju, 2013. 1fotografia color., 18 de janeiro de 2013.

OLIVEIRA, Cibele de C. de. Foto do **Museu dos Ex-Votos**. Aracaju, 2013. 1fotografia color., 18 de janeiro de 2013.

OLIVEIRA, Cibele de C. de. Foto do **Museu de Arte Sacra de Laranjeiras**. Aracaju, 2013. 1fotografia color., 03 de janeiro de 2013.

OLIVEIRA, Cibele de C. de. Foto do **Museu da Gente Sergipana**. Aracaju, 2013. 1fotografia color., 08 de janeiro de 2013.

OLIVEIRA, Cibele de C. de. Foto do **Museu Histórico e Artístico de Itabaiana “Antônio Nogueira”**. Aracaju, 2012. 1fotografia color., 21 de dezembro de 2012.

OLIVEIRA, Cibele de C. de. Foto do **Museu de Arqueologia de Xingó**. Aracaju, 2013. 1fotografia color., 22 de dezembro de 2013.

OLIVEIRA, Cibele de C. de. Foto do **Galeria de Arte “Zé de Dome”**. Aracaju, 2013. 1fotografia color., 29 de janeiro de 2013.

OLIVEIRA, Cibele de C. de. Foto do **Espaço Cultural D'Época**. Aracaju, 2013. 1 fotografia color., 25 de janeiro de 2013.

OLIVEIRA, Cibele de C. de. Foto do **Museu de Rua Memorial da Bandeira**. Aracaju, 2013. 1 fotografia color., 03 de fevereiro de 2013.

OLIVEIRA, Cibele de C. de. Foto do **Museu do Cangaço**. Aracaju, 2013. 1 fotografia color., 16 de janeiro de 2013.

OLIVEIRA, Cibele de C. de. Foto do **Galeria de Arte J. Inácio**. Aracaju, 2013. 1 fotografia color., 10 de março de 2013.

OLIVEIRA, Cibele de C. de. Foto do **Museu de Arte Sacra de São Cristóvão**. Aracaju, 2012. 1 fotografia color., 18 de janeiro de 2013.

OLIVEIRA, Cibele de C. de. Foto do **Museu Afro-Brasileiro de Sergipe**. Aracaju, 2013. 1 fotografia color., 03 de janeiro de 2013.

OLIVEIRA, Cibele de C. de. Foto do **Galeria de Arte Álvaro Santos**. Aracaju, 2013. 1 fotografia color., 10 de janeiro de 2013.

OLIVEIRA, Cibele de C. de. Foto do **Galeria de Arte Jenner Augusto**. Aracaju, 2013. 1 fotografia color., 03 de fevereiro de 2013.

ROCHA, Carla. Um “museu vivo”: espetáculo e reencantamento pela técnica. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 259-270, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000004850&dd1=a786d>> Acesso em: 23 abr. 2012

SILVA, Tahis Virgínia Gomes da; RAMALHO, Francisca Arruda. Uso da informação em museus: visitas ao Centro Cultural de São Francisco. **Biblionline**, João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 22-37, 2011. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=18740>> Acesso em: 21 abr. 2012.

SILVA, Tahis Virgínia Gomes da. **Uso da informação em museus**: visitas ao Centro Cultural de São Francisco **Biblionline**, João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 22-37, 2011. Disponível em: www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=18740. Acesso em: 21 mar. 2013.

SOUZA, Daniel M. V. Informação e construção do conhecimento no horizonte museológico. DataGramZero, **Revista de Ciência da Informação**, v. 10, n. 6, Dez. 2009. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/dez09/Art_06.htm> Acesso em: 12 abr. 2012

SUANO, Marlene. **O que é museu**. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção Primeiros Passos).

TARAPANOFF, Kira; ARAÚJO JR., Rogério Henrique de; CORMIER, Patrícia Marie Jeanne. A sociedade da Informação e inteligência em Unidades de Informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 29, n. 3, p. 91-100, set./dez. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n3/a09v29n3.pdf> Acesso em: 21 mar. 2013

YASSUDA, Sílvia Nathaly. Documentação museológica: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista. Dissertação de Mestrado. Marília, 2009. Disponível em: www.marilia.unesp.br/Home/Pos.../yassuda_sn_me_mar.pdf. Acesso em: 21 mar. 2013.